

DEPOIMENTO | TESTIMONY

WORKSHOP LABVERDE – OCUPE & ABRACE**AUTOR DO DEPOIMENTO
JOSÉ OTÁVIO LOTUFO**

Arquiteto e urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1996); Mestre na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP (2011); Doutorando na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP (desde 2012)

Acabo de ler um depoimento do psicólogo James Hillman de 1993. Ao receber o *Eighth Annual Recognition Award*, por sua “*coragem intelectual e imaginação: provendo uma vida de liderança no campo da psicologia e mudança social*”, faz um discurso em que desconstrói o que sempre acreditou em sua vida e em seu trabalho, a ideia do Self individualizado. É de se admirar que alguém em sua idade faça a revisão de conceitos que trouxeram tanto reconhecimento à sua produção, e demonstra um raro espírito científico. Em sua conclusão ele faz uma forte referência às cidades, e eu escolhi iniciar meu depoimento com um fragmento de sua fala:

Como nós imaginamos nossas cidades, ... seus objetivos e valores e realçamos sua beleza define o Self de cada um ..., pois a cidade é a exibição sólida da alma comum. ... Para melhorar a você mesmo, você melhora a sua cidade. Esta ideia é tão intolerável ao Self individualizado que ele prefere a decepção do isolamento tranquilo ... como o caminho para o Self. Eu estou sugerindo o contrário. O verdadeiro caminho do Self são as ruas da cidade.

Faz algum tempo que eu tomei uma decisão na minha vida de cidadão urbano: usar o mínimo possível o transporte individual motorizado. Moramos eu, meu filho e minha esposa, num apartamento na Vila Madalena. Tínhamos dois carros até um ser roubado e decidimos ficar com um só.

Eu, que já gostava de pedalar, me tornei mais pedestre e usuário de transporte público. Isso tem mudado radicalmente tanto minha percepção quanto minha relação com a cidade. Um dos maiores ganhos, como consequência natural, foi ter nos tornando cada vez mais usuários de espaços públicos, principalmente as praças do bairro. Uma vez que não há jardim no condomínio onde moramos, ficou aquela sensação de que “éramos ricos e não sabíamos”. Quero dizer que ter como o jardim de casa a Praça da Corujas ou a Praça da Nascente é um privilégio. Mas poderia ser o privilégio de todos da cidade caso os espaços públicos dos bairros fossem requalificados para isso.

Não estamos longe disso, e o maior privilégio é poder fazer parte de uma transformação que já vemos ocorrer em muitos pontos da cidade. Em vez de esperar sentados a ação do poder público, uma inteligência coletiva emerge para pôr a mão na massa e dispor suas demandas. Organizações de bairro, associações, coletivos e toda uma diversidade de ações protagonizam uma nova e emergente forma de transformar a cidade. Aquela mudança radical na minha condição me levou a conhecer um destes grupos.

Era uma manhã de domingo e, como tínhamos combinado, iríamos até a Praça da Nascente na Pompéia comprar produtos orgânicos numa pequena feira. A dica tínhamos ouvido na Horta das Corujas, que passamos a participar quando começamos a frequentar a praça de mesmo nome. Ocorreu que justamente naquele dia não houve feira, mas para compensar houve algo melhor, conhecemos alguns integrantes do coletivo Ocupe & Abrace. Conhecemos a Roberta Soares, a Lu Cury, a Rosara Frenk, o Adriano Sampaio, a Flavia Lemos e o Sr. Jaroslav Pesek que é pai da Adrea que a gente já conhecia da horta. A conversa que se seguiu daria origem ao workshop que marcou o início de uma parceria entre o coletivo e o LABVERDE, numa ação para a requalificação da praça.

Eu tinha conhecido a praça alguns dias antes, quando fui com meu filho ao Segundo Festival da Praça da Nascente. Lá eu pude reencontrar o pessoal do Rios e Ruas (leiam a entrevista com eles nesta edição), e conhecer o pessoal do Pedal Verde, ambos estavam presentes com suas propostas. Este festival, que ocorre a cada estação do ano, tem sido a pedra fundamental de uma série de ações do coletivo para se apropriar de um espaço abandonado tanto pelo poder público como pela população. A sua requalificação estrutural e paisagística deveria ser, naturalmente, o segundo passo, uma vez que a praça apresenta uma série de problemas sérios.

Na conversa foi comentado sobre a necessidade de um arquiteto que lhes ajudassem a fazer um projeto de reforma, uma vez que já estavam em contato com o subprefeito da

região, o também arquiteto Ricardo Pradas (leiam a entrevista com ele nesta edição), e ele mesmo havia solicitado isso, para facilitar o atendimento de suas demandas.

Há na praça um muro de arrimo em estado avançado de degradação, oferecendo perigo aos usuários, este mesmo muro cria também, em um dos acessos à praça, uma condição de vulnerabilidade à violência, um dos motivos relatados do abandono. Além disso há problemas de drenagem que põe em risco um outro muro do outro lado da praça, que faz divisa com algumas residências.

Além de questões estruturais, há por parte dos usuários o desejo de um espaço mais acolhedor e bonito para o bairro e seus habitantes, com lazer e esporte para crianças, jovens e adultos de todas as faixas etárias. Ouvindo as suas demandas enquanto percorríamos as inúmeras nascentes do Córrego do Água Preta que brotam do seu chão, parecia para mim que aquela visita não havia sido por acaso, pois tudo parecia fluir naturalmente ao assunto de minha pesquisa e a temas tratados pelo LABVERDE. Não toquei no assunto sobre a universidade, mas me dispus a ajudar como arquiteto.

Fui convidado para uma reunião, já marcada para a quarta-feira seguinte, e neste meio tempo pude relatar o ocorrido com a professora Maria de Assunção Ribeiro Franco, minha orientadora de doutorado e coordenadora do LABVERDE. Como eu já suspeitava e secretamente conspirava, decidimos oferecer o apoio e orientação do laboratório para a elaboração de um projeto de requalificação da Praça da Nascente.

Na reunião na quarta-feira seguinte falei pouco, querendo ouvir tudo o que tinham a dizer, o que me revelou que o coletivo é formado por pessoas engajadas e conscientes dos problemas urbanos, principalmente os de seu bairro, e constitui com di-



Usuários da Praça da Nascente, Ocupe & Abrace e LABVERDE. Trazendo para “baixo” os sonhos coletivos.

versos outros grupos uma verdadeira rede de ação participativa para uma transformação positiva da cidade. Quando anunciei a disponibilidade do LABVERDE em ajudar, a notícia foi recebida com um entusiasmo que aumentou ainda mais quando propus um workshop ainda para dezembro.

No final de semana seguinte promovemos o encontro entre o coletivo e

o LABVERDE para acertar os preparativos do workshop. Foi uma conversa cheia de planos enquanto fazíamos um primeiro reconhecimento do terreno. Marcamos a data para o dia sete de dezembro.



Workshop LABVERDE – Ocupe & Abrace, reconhecendo o terreno

Elaboramos um convite, divulgamos nas redes sociais, e neste meio tempo encontrei o José Bueno do Rios e Ruas que mostrou o interesse em participar. O Luiz de Campos Jr, seu parceiro, fechou o workshop com um expedição pelas nascentes do Água Preta. Nada melhor para coroar uma manhã tão rica em ideias para um espaço tão fundamental pra a gestão desta importante bacia hidrográfica.

Na manhã do dia sete, quando cheguei na praça o coletivo já estava lá. Duas velas de barco esticadas entre o “trepá-trepá” e algumas árvores faziam a sombra necessária para nosso conforto, uma mesa posta com café, chá, sucos, bolos e pães davam um tom



Workshop LABVERDE – Ocupe & Abrace, sintetizando dados na conversa final.

de comemoração. O workshop foi um acontecimento onde o sonho já estava pronto para descer do plano das ideias, através de muita conversa, canetas e gizes coloridos às folhas de papel, ali dispostas sobre pranchetas cuidadosamente confeccionadas com o logotipo do coletivo. Tudo indicava um cuidado e carinho com o que estava prestes a acontecer.

Foram algumas horas de um trabalho muito prazeroso. O resultado foi um feixe de dados reunindo necessidades e desejos, a matéria prima sobre o qual deveremos trabalhar a realização de um sonho coletivo de cidade. O conhecimento técnico entrará como um elemento ordenador, interferindo o mínimo necessário para que o projeto seja realmente participativo e responda a demanda de quem vive e se utiliza daquele espaço.

Que as transformações necessárias a uma cidade devem passar pela participação da população parece que já é uma ideia bem assimilada. Mais do que um exercício democrático, é uma necessidade para que se atenda realmente as demandas, porque mais do que de edifícios, espaços abertos e caminhos, cidade é feita de pessoas. O distanciamento teórico e a postura de se projetar a distância falham em perceber uma dimensão essencial da demanda, a humana.

Um das melhores e mais econômicas formas se produzir e distribuir riqueza é a qualificação do espaço público. O desenvolvimento da ideia de que nós não moramos numa unidade habitacional, mas moramos na nossa rua, no nosso bairro, na nossa cidade é uma transformação positiva da percepção do habitat. Se por um lado esta mudança de percepção decorre desta qualificação, não deveríamos fazer qualquer julgamento prévio sobre causa e efeito. Estamos acostumados a pensar em um processo de projeto de cima para baixo. No entanto ganharíamos muito em rever nossos conceitos e preceitos. A grande força transformadora de nossa sociedade para um modelo mais resiliente e sustentável pode estar agora mesma sendo gerada onde menos esperamos, uma inteligência coletiva que já começa a emergir, como a erva que encontra caminho nas trincas do cimento duro. Nosso papel, como arquitetos, urbanistas e pesquisadores é perceber e ir de encontro, fluir junto; e como Hillman ter o espírito científico de rever nossas certezas.